



8 de agosto de 2018

Desafios socioeconômicos para o estado do Rio de Janeiro

Palestrante – Mauro Osorio, presidente do Instituto Pereira Passos



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DA CASA CIVIL
Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos - IPP
Conselho Estratégico de Informações da Cidade

CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE

Ata da reunião de 8 de agosto de 2018

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

Política Cultural na Cidade do Rio de Janeiro

Os tópicos da apresentação realizada pelo presidente do Instituto Pereira Passos, Mauro Osorio, foram os seguintes:

- É importante nesse momento de tanto pessimismo e confusão, mostrar números positivos. Na verdade, nós não somos um país rico, temos uma receita pública per capita limitada. Temos que discutir isso para dar um pouco de racionalidade à discussão.
- O IDH mostra como o Brasil tem melhorado com a redemocratização. Se pegarmos os números de 1991, tínhamos 4777 municípios com o IDH muito baixo, já de acordo com o Censo de 2010 nós temos 32 municípios. É uma melhora extremamente importante, pouco sabida e pouco imaginada. Antes não havia nenhum município com o IDH alto, hoje são 1889.
- Ainda que o Brasil seja uma das décimas economias com o maior PIB do mundo, quando se fala em PIB per capita estamos além da posição setenta. Temos uma receita pública per capita baixa, quando comparada aos países desenvolvidos. Temos uma dívida interna parecida, porém o juro de rolagem é muito maior.
- Nós temos um problema de receita, então não é só acabar com roubo que teremos uma saúde como a dos países desenvolvidos. Temos uma receita pública per capita muito menor que a dos países desenvolvidos.
- O Estado do Rio de Janeiro foi o que mais perdeu participação no PIB do Brasil. A queda foi de 34%, o dobro da média da região Sudeste. A partir dos anos 90, falava-se que o interior do estado ficaria mais dinâmico e que aconteceria uma desconcentração territorial por conta das novas tecnologias.
- O desenvolvimento do interior acontece, basicamente, no norte fluminense e nas baixadas litorâneas. E o que propiciou isso foi a extração de petróleo no alto mar. O comércio e a construção civil cresceram muito no norte fluminense, por causa do aumento da renda,

impulsionado pelos royalties do petróleo. Só que isso não é consistente e estruturante. Esses municípios vão ficar em uma situação difícil quando o barril do petróleo cair de preço.

- A receita de royalties está aumentando em Niterói, Maricá e Saquarema, mas a tendência é de queda.

- Macaé criou uma estrutura de emprego extremamente densa. Mesmo com toda a crise, é o quarto município com a maior relação entre emprego formal e população. A cidade, apesar de ter perdido 30 mil empregos, vai muito bem e tem o maior salário médio em todo o Sudeste.

- A indústria do petróleo não é estruturante? Não há indústria de petróleo no estado, apenas extração em alto mar, não há nada em terra. Quase toda a estrutura de extração de petróleo fica em Macaé.

- O turismo formal no estado inteiro é pouco significativo. As exceções são Búzios, Paraty, Itatiaia e Arraial do Cabo, quase nada no Rio de Janeiro.

- Angra dos Reis e Teresópolis são mais favelizados que Macaé. A cidade está entre os 20 municípios com a melhor saúde e educação do estado.

- A região do Médio Paraíba cresce muito pouco. A indústria automobilística deu pouco resultado, ainda é pequena. O Porto Açu vai ser bom para a região.

- Sobre o Comperj se falava em 200 mil empregos que seriam gerados. Em Maricá muitas pessoas compraram terras agrícolas para construir condomínios para a classe média que iria trabalhar nessas vagas. O que terminou acabando com 2/3 da agricultura do município.

- Em Macaé, o número de emprego aumentou e a cidade tem potência econômica, mas a qualidade de vida está horrível. Serviços públicos, favela, mobilidade, violência, qualidade de água e saneamento.

- Favela não está entre os piores municípios do estado. Saúde e educação está entre os 20 primeiros. Violência é o décimo município mais violento. Não estou dizendo que está uma maravilha, mas não está entre os piores lugares do Rio de Janeiro.

- Noroeste não é o maior problema do Estado do Rio de Janeiro. Temos a região metropolitana. Cinco dos dez municípios com a melhor educação do Estado estão no Noroeste.

- O Rio de Janeiro caiu do segundo para o sexto estado brasileiro com mais empregos em indústria de transformação. Esse setor é importante porque gera exportação e renda nova.

- Isso não indica um deslocamento da indústria de transformação em direção à região de Minas e Espírito Santo?

- Uma parte foi para São Paulo, mas tem muita coisa que fechou. Mas ao mesmo tempo na cidade do Rio ainda temos muitos empregos no setor industrial, 150 mil.

- Podíamos fazer agricultura orgânica, familiar. Não é o que vai nos salvar, mas poderia melhorar até a qualidade da comida.
- Quase 200 municípios com mais de 100 mil habitantes. Todos Sul e Sudeste. Nos primeiros não têm nada do Rio. Quando aparecem outros critérios, além de indústria, Niterói vai melhor. São Caetano do Sul é o município mais industrializado, tem uma renda por habitante extremamente alta, entre sete e oito mil reais. São Gonçalo tem uma renda de 800 reais.
- Temos que trazer a academia para o debate industrial do Rio de Janeiro. A UERJ tem que deixar de ser uma “federal do Rio”. Ela precisa se organizar para estudar o Estado do Rio de Janeiro, a Uenf também. A nossa tradição é pensar Brasil e mundo. Precisamos continuar com essa tradição, mas ampliar a reflexão regional.
- Esse ano a indústria fluminense até que está crescendo bem, mas a capacidade de empuxe é muito pouca.
- A indústria no Rio é menor que a média do Brasil. E a indústria no Brasil já perdeu bastante, desde o Plano Real.
- Só 20% dos fornecedores da Petrobras estão no Rio. Acho que devemos voltar a ter uma política de controle local, todos os países que deram certo têm.
- Para conseguir algum adensamento, deve ter alguma estratégia que faça sentido, que tenha potencialidade a médio e longo prazo. São Paulo além de ter um escala maior, teve uma política de atração de fornecedores da Petrobras.
- Nova Friburgo é o segundo município do leste-fluminense mais industrializado.
- Nem o petróleo está muito concentrado aqui no estado. A cadeia não está aqui. Extração de petróleo paga ICMS onde consome, e não é aqui. Lei Kandir não gera dinheiro. Nós não ganhamos nem pela cadeia e nem pela questão tributária.
- Entre os municípios com mais de 100 mil habitantes e a relação de pessoas com carteira assinada. Japeri, Belford Roxo, Magé, Macaé estão lá em cima. São Caetano do Sul também.
- Se você analisar a escolaridade é mais complicado ainda sair do buraco.
- Já fiz trabalho comparando escolaridade pelo Censo, você não vê muita diferença. As cidades não têm infraestrutura, têm violência. Eu acho que o problema hoje mais urgente na periferia metropolitana é infraestrutura. Educação tem que ter, principalmente para haver cidadania. Mas me parece que infraestrutura é o nó cego mais importante e o primeiro que deve se desfazer.

- Para o Rio de Janeiro, talvez, a coisa mais urgente seja um plano Marshall de infraestrutura para nossa periferia metropolitana. Onde é que se consegue dinheiro? Caixa Econômica, BNDES, Banco Mundial, Banco Interamericano, BRICS. Dá para fazer.

- O Estado do Rio de Janeiro perdeu mais de 500 mil empregos de carteira assinada até 2018. A cidade do Rio perdeu mais de 300 mil empregos de carteira assinada desde 2015. Aqui tem uma fragilidade maior que São Paulo. Existe uma decadência de décadas e o petróleo teve um peso grande nessa crise. Os royalties despencaram, caíram de 12 bilhões para 4 bilhões. A receita no período Cabral não cresceu mais que a média nacional, não teve *boom* de crescimento no estado Rio de Janeiro. Isso é outro erro.

- Isenção não é um dos motivos da crise, porque o ICMS cresceu mais que o total. Você pode discutir do ponto de vista do conteúdo e da prioridade, mas não pode dizer que a crise é derivada das isenções fiscais.

- O número de funcionários públicos no estado do Rio de Janeiro não cresceu durante o período Cabral e Pezão. Mas como tem uma máquina pública envelhecida, muita gente se aposentou e a reposição ficou só na segurança. Cargo de confiança é 1% do total de folha. Se olhar no Rio em Síntese, o peso do funcionalismo público no total de empregos na cidade do Rio de Janeiro é de 18%. A crise também não é porque contratou muita gente.

- Acho que o que desequilibra em termos de funcionários públicos no Rio de Janeiro é o poder legislativo e judiciário.

- É verdade. O gasto é 50% maior. O Tribunal de Contas do Rio gastava o mesmo de São Paulo. O gasto do poder judiciário e legislativo, contando tudo, Ministério Público, Defensoria e Justiça, Alerj e Tribunal de Contas, dá 10% do gasto público estadual no Rio de Janeiro. O grande gasto, no conjunto, é aposentadoria. Dá quase 50% do gasto. Então a questão da previdência tem que ser discutida, a gente tá vivendo muito mais.

- Quando a Firjan diz quer tem que resolver a crise cortando pessoal, tem que mostrar onde. A questão da previdência vai se resolver a médio e longo prazo, não tem onde cortar.

- A crise do Estado do Rio de Janeiro é estrutural. Uma crise de falta de estrutura produtiva, falta de receita, muita máfia na gestão. É uma crise que não tem uma saída simples. Se fosse incentivo fiscal, era fácil de resolver. Era só cortar e resolveu. Mas não são 180 bilhões acumulados que o governo Cabral deu, são 20 bilhões. Pode cancelar todos os incentivos fiscais, mas não é isso que vai resolver. É o ponto que temos procurado alertar.

- Entre os 1607 municípios do Sudeste, nas melhores e piores posições de 1ª a 5ª série, só tem quatro do Estado Rio de Janeiro nos 50% melhores avaliados, entre os 50% piores avaliados têm 88 municípios. Isso tem a ver com qualidade de gestão pública. Tem a ver com renda, mas tem mais a ver com gestão.

- Em Caxias, 40% das escolas não têm canos de água. A maior parte das ruas não têm CEP.
- Quais são esses quatro municípios e por que são melhores que os outros 88?
- É porque eles são pequenos. O melhor é Levy Gasparian. A cidade do Rio tem mais de mil escolas, não está numa situação ruim, mas não está entre os melhores, e nem Niterói.
- Há uma suspeita de que Rio das Ostras tenha se beneficiado dos royalties.
- Rio das Ostras está bem, concordo. A cidade tem alguma estrutura produtiva em terra, o que dá mais sustentabilidade. Eles criaram um distrito industrial, atraíram empresas para lá.
- Sistema regional de inovação. A ideia é ter uma política regional de inovação. No período Cabral, quando a FAPERJ tinha muito dinheiro, não havia nenhuma estratégia regional. O Rio quando tem dinheiro, não tem uma estratégia.
- A ideia é a prefeitura saber quanto ela arrecada e gasta por cada região da cidade. É importante ter isso em qualquer município, senão termina gastando mais onde tem mais lobby. Não é à toa que as UPPs foram feitas inicialmente, basicamente, na zona sul do Rio e grande Tijuca.
- Política de adensamento produtiva por região do estado. Nós temos a estrutura produtiva boa, fora da cidade do Rio quase não tem atividade privada.
- Agenciamento metropolitano. A proposta está na Alerj. André Ciciliano, que está como presidente interino parece estar a favor. Tem algumas coisas que eu acho que deveriam mudar naquela proposta. Eu acho que tem que ter previsão de concurso público, para ter estrutura. Não faz agora, mas coloca um prazo, faz um concurso pequeno. Hoje o governador nomeia os diretores da agência. Vai ter um conselho deliberativo, que são os prefeitos. Eu acho que os diretores deveriam ser indicados pelo governador e aprovados pelo conselho. Abre uma discussão e pode sair algo mais consensuado. Não está toda a estrutura dentro da proposta da agência, isso poderia ser discutido, não está saúde, por exemplo.
- Se compararmos com o Sul e Sudeste, a periferia metropolitana está um pouco melhor na saúde do que na educação, é fato. O SUS e os conselhos municipais deram uma contribuição importante.
- Hoje, 70% do custeio da prefeitura do Rio é na saúde, e 50% desse montante é com OSs.
- Política de universalização de creche é decisiva. A ideia de sistema municipal e estadual de educação. O Ceará trabalha muito com essa lógica, integrando ensino fundamental e médio.
- A questão tributária. No Estado do Rio de Janeiro, o governo federal arrecada 140 bilhões aqui e devolve 30 bilhões. Tem a questão do pacto federativo, que não é uma discussão simples, mas tem que fazer. Na cidade do Rio de Janeiro, o governo federal arrecada 120

bilhões e devolve 5 bilhões. Claro que tem uma distorção aí, porque a Petrobrás tá aqui, BNDES, Furnas, mesmo assim é uma diferença muito grande.

- Política cultural é barata, fundamental. A taxa de reincidência de crime em presídios que você implanta atividades culturais é impressionante.

- Alguém tem um estudo sobre cultura e esporte, sobre o afastamento do crime, quem dá mais resultado.

- Os dois são importantes. Talvez até cultura seja mais, abre uma janela de vida nova.

- Segurança pública. Temos que discutir qual a parcela da polícia que foi para o crime. É uma discussão central. Estruturalmente, inclusive. Certas informações que eu tenho aterrorizam em relação a isso.

- Agora ainda tem milícia. É uma situação muito complicada. Acho que tem a ver com a lógica política. O Hélio Luz, recentemente, deu uma entrevista e disse que é difícil que tenha um crime no Rio de Janeiro que não tenha um policial envolvido.

- O Beltrame defendeu a ideia de que o policial funcionar como plantão, que trabalha 24 horas e descansa 48 horas, tinha que ser mudada urgentemente. O que um cara que ganha um salário “desse tamanho” faz nas 48h de descanso? Ele vai conseguir emprego e bico na ilegalidade. Ele achava que o cara devia fazer 8, 8 e 8 e o que ficar na madrugada ganha insalubridade.

- Isso é uma coisa central no Rio de Janeiro. Como que atrai uma empresa para cá se não conseguir avançar nisso?

- A Baixada Fluminense ainda é “dormitório”.

- Hoje em dia, se tem uma regionalização ruim no estado do Rio de Janeiro. Região Serrana: o que Petrópolis tem a ver com Nova Friburgo? Rio das Ostras tem muito mais relação com o norte do que com a baixada litorânea.

- A cidade do Rio é a que tem mais empregos na agropecuária.

- Em termos de adensamento produtivo, esses são os setores que acho que tem maior potencialidade: o petróleo e gás ainda vão crescer muito, é uma discussão grande sobre quanto tempo o petróleo ainda vai ser a principal energia, varia muito. Eu acho que em uns 30 ou 40 anos ainda é o principal. Independente disso, os fornecedores estão fora do Rio. Acho que ainda dá para ir adensando produtivamente em torno disso, principalmente com o pré-sal.

- O complexo econômico industrial da saúde. Nós temos 10% ou 11% da indústria farmacêutica nacional, temos a Fiocruz. E, mais importante, o estado pode usar poder de compra. Hoje se importa 15 bilhões de dólares por ano na área de saúde. Pode-se fazer um acordo de compra

por alguns anos com quem vier produzir no Brasil e ainda pode transferir tecnologia que a Fiocruz faz. Uma parte pode vir para o Rio, é uma coisa que podemos ter competitividade. A discussão e a reflexão está aqui na Fiocruz.

- E tem mercado também. O SUS é um mercado de 200 milhões de consumidores.

- O complexo portuário do estado cresceu muito. Porto do Açu, Porto de Itaguaí, além do Porto do Rio, que não parou de crescer.

- E mais do que isso, o complexo portuário é um atrator para atividade industrial. A indústria coloca no navio e despacha. Do ponto de vista logístico, dá uma facilidade extraordinária. Mas você precisa ter política, o Grupo Libra e o Grupo Multiterminais fazem um lobby enorme para manter atividades só nos terminais do Rio. E os terminais do Rio estão engargalados pela cidade. Precisa haver um plano portuário digno.

- Na chamada economia da cultura e do entretenimento, mais recentemente, vemos que hoje há conteúdo local na parte cinema e vídeo. As TVs fechadas são obrigadas a comprar uma coisa importante aqui. Mas as estrangeiras que estão vindo para o Brasil, para contratar, estão indo para São Paulo. Então estamos perdendo isso.

- Sobre esse complexo, uma observação, ele junta muita coisa diferente e atrapalha um pouco a nossa visibilidade. Entretenimento e turismo, tudo bem, mas cultura e ciência e na verdade não tem ciência. A ciência é um lugar de empregabilidade imenso no Rio de Janeiro, temos todos os laboratórios de pesquisa que estão dentro das universidades e os extrauniversitários. Jovens, com bolsa de estudos ou não, estão se formando dentro desses laboratórios. A Faperj fez, numa época, uma pesquisa para saber o PIB da ciência, mas há muito tempo que não faz de novo. É importante saber se o PIB da ciência é significativo, se não for, retiro minha observação. Nós devíamos dar mais atenção para a ciência e cultura como um par, que pode ser interessante. Esporte sem ciência também não existe.

- Fizemos um trabalho junto do SEBRAE e procuramos ver quais eram as atividades indutoras do setor de serviço no estado, seja pela sua importância ou pela potencialidade. O peso da economia carioca é 26% do total das capitais do Sudeste. Nas atividades acima de 26% o Rio tem uma importância mais que proporcional do que o total de atividades. A área de informática está abaixo disso, que é importante para o setor de petróleo e gás.

- O Rio de Janeiro, de acordo com Rio em Síntese, tem mais mestres e doutores por habitante do que a cidade de São Paulo. O Rio tem mais congressos científicos que São Paulo. Então, essa porrada recebida pelo orçamento de ciência e tecnologia no Brasil, atinge muito mais o Rio do que São Paulo.

- Precisamos discutir o que tem da área de inovação nas forças armadas do Rio, que é muita coisa, tentar articular isso, integrar, ver como potencialidade do ponto de vista econômico.

- Todos os institutos de pesquisa militares, IME e outros, estavam presentes no conselho da Faperj. Eles eram presença importante na Faperj. É tentar ver como podemos integrar isso daí.

- As indústrias vão lá e se beneficiam do conhecimento produzido, até investem e dão muito dinheiro para pesquisa. Mas o que é absorvido ali, eles aplicam no mundo inteiro e não tem um centavo de royalties. Estava se discutindo, dentro dos convênios, incluir os royalties dos lucros que receberão em função do valor agregado das inovações descobertas por pesquisadores da Politec.

- Tem uma entrevista muito importante, de uma italiana chamada Mazzucato. Ela diz que os Estados Unidos dão muito dinheiro a fundo perdido de pesquisa industrial e pesquisa básica, que serve para a indústria, principalmente para a saúde. É dinheiro a fundo perdido, se não der certo tudo bem, mas quando der certo é tanto dinheiro que é importante o poder público ter alguns royalties.

- O planejamento tem que vir com certa autoestima. O plano que o Toledo fez para a Rocinha envolveu a comunidade, tinha uma capilaridade forte, e resultou em algumas coisas que foram fortes. Durante o Governo Cabral, ele quis colocar teleféricos na Rocinha, a comunidade se mobilizou, parou a Niemeyer, acampou na frente da casa do Cabral. Então se o planejamento não vier acompanhado desse investimento numa autoestima da população, ele fica um pouco vazio, não ganha capilaridade. O Rio tem muito uma tecnologia social de investimento nisso. Fizemos o Favela Bairro, que envolvia essa questão. Para mobilizar a população, fazer com que ela participe, e transforme esse planejamento numa coisa que ela vai batalhar é superimportante, ter um pertencimento. É fundamental.

- Mas não tem muito jeito. Um plano de esgoto, saneamento, isso vai ter que ser discutido na agência. O pequeno é bacana, mas o grande, o big, é fundamental.

- Mas por que tomamos decisão no campo do big, numa coisa autocrática, que muitas vezes envolve o planejamento no Rio de Janeiro. Investe uma grana no metrô até a Barra e não se coloca um centavo na rede de trem. Se colocasse em votação para a população, é claro que iam falar “aqui tem 180 mil, mas aqui atende a 8 milhões”. Mas junta essa população aonde? Numa grande assembleia? Mas claro que há Assembleia Legislativa e Câmara de Vereadores. Mas não é por causa disso que o Rio é o pior do Sul e Sudeste. O Rio é o pior porque nossa política virou máfia, não tem reflexão sobre o Rio de Janeiro, a população não sabe o que está acontecendo, sem planejamento. Mas é óbvio que tem que ter participação.

- Tem que se representar também o Poder Legislativo, foi eleito. Precisamos de um legislativo que funcione que não seja o partido da Alerj.

- Não falta só coesão social, falta qualquer racionalidade.

- A Cedae deveria ser um órgão que apresentasse índices, que fiscalizássemos ano a ano. A situação da Baía de Guanabara é horrível, a coleta de esgoto é péssima no Estado do Rio.

- Se o chão de fábrica é longe da produção, isso diminui a produtividade da inovação. Então, eu acho que para a Baixada Fluminense deixar de ser dormitório a indústria é absolutamente central. Tem que haver algo pensado e, claro, ser transparente.

- Em Minas Gerais, a Agência Metropolitana foi feita em parceria com a UFMG. Aqui, contrataram um escritório de Curitiba, com uma empresa do Ceará. Qual o problema disso? Não necessariamente vai ser melhor e parte do conhecimento de quando fazemos um plano fica com quem participou, se o cara vai embora, ele leva isso com ele.

- Tem que contratar universidade, no máximo escritórios daqui. Aí o crescimento vai ficando aqui.

- O turismo é subaproveitado e muito menor do que se pensa. A cidade do Rio de Janeiro tem 20.000 empregos em hotéis e pousadas, menos que 1%. A Baixada Litorânea até tem turismo, mas é muito informal e sazonal.

- No Rio, a partir de 1995, a economia não voltou a crescer. Indústria automobilística e autopeças está em 6ª posição, o Governo do Estado diz que está em 2ª, mas não sei qual é a fonte.

- A economia do petróleo norte fluminense só existe em Macaé e Rio das Ostras.

- Economia criativa: faltam infraestrutura e política setorial.

- O Estado do Rio de Janeiro tem a formalidade menor do que a média brasileira

- A UPP social não ia dar certo, precisava de escala. Aí vem para o IPP, gasta um dinheiro significativo e não adianta ouvir as comunidades, se não houver políticas de setor público estruturadas. Tinha que ser feito na Casa Civil, já que não há planejamento e é lá que está estruturado. No programa "Territórios Sociais", fazemos questão que a Casa Civil esteja na coordenação porque se for universalizar não é o IPP que vai fazer isso.

- Existe muita coisa equivocada no debate, temos um enorme desafio de ampliar a reflexão.

O presidente Mauro Osorio agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.